

A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: UM RELATO E UMA REFLEXÃO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MACEIÓ-ALAGOAS

Autor: Marcus Vinicius da Silva

Universidade Federal de Alagoas -UFAL - mvinicius98@hotmail.com

RESUMO

Alocado dentro das reflexões acerca das possibilidades democráticas de uma educação adaptada e inclusiva, este trabalho tem por objetivo trazer um relato de experiência vivenciada em uma escola estadual da periferia de Maceió, no desenrolar de sua práxis pedagógica para atividades adaptadas para alunos do ensino fundamental II com alguma deficiência motora, cognitiva. Por meio de observação empírica e o instrumento do questionário aplicado junto aos professores, a investigação levantou informações importantes acerca da dinâmica da instituição pedagógica. Como resultante da observação, desnudou-se questões como a falta de conhecimento dos professores acerca da particularidade das deficiências e carência da escola em atender a heterogeneidade do seu público, como também verificou-se tentativas por parte do profissional de propor atividades adaptadas. Por fim, esta observação permitiu uma mirada entre prática e teoria e deixou muito claro que a problemática de uma atividade adaptada jamais deverá ser silenciada nas práticas escolares, caso contrário, a Educação Física não poderá nunca se definir como um saber inclusivo rumo à uma sociedade mais democrática.

Palavras-chaves: Práticas Educativas, inclusão, autismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca relatar a experiência na disciplina de metodologia do ensino das atividades físicas adaptadas do curso de Educação Física, pela Universidade Federal de Alagoas, que teve como objeto de observação uma escola municipal (Macéio-Al) no desenrolar de suas práxis pedagógicas para atividades adaptadas para alunos com alguma deficiência motora, cognitiva. Os alunos frequentam o ensino fundamental I, entre o 2º e 5º ano e possuem idade entre 6 e 12 anos.

As observações foram obtidas entre a primeira semana de abril de 2017 e o dia 26 do mesmo mês, sendo examinadas 15 (quinze) aulas neste referido período, no turno matutino ou vespertino. Estas análises das aulas de dois professores coordenadas pela Professora, em suma, este auxílio dado por parte do corpo docente e dos demais funcionários permitiu a total liberdade por parte do observador.

No sentido de entender melhor a especificidade da Educação Física adaptada, buscou-se respaldo em um referencial teórico que abarcasse esta problemática, para tanto, uma breve revisão da literatura acerca da prática pedagógica para alunos com deficiência, como também buscou-se adentrar-se na especificidade do autismo, uma vez que esta deficiência é mais recorrente entre os alunos observados, conforme foi ficando mais evidente no decorrer da pesquisa.

A relevância deste trabalho justifica-se pelo próprio processo de construção de um futuro professor de Educação Física, afinal, é através de uma dialética entre o conhecimento apreendido durante o curso da sua formação e o contexto social em que sua prática pedagógica desenrolar-se-á. Neste sentido, a experiência desta pesquisa complementar de observação aparece como grande oportunidade para que o observador, na condição híbrida de aluno/futuro professor possa extrair reflexões que não vão abandoná-lo e que são inerentes ao seu trabalho que, enquanto educador, não deve olvidar do seu papel de vetor de inclusão social em um mundo marcado pelo preconceito, pela escola vincada pelo *bullying* e desrespeito a tudo que não padronizado ou normatizado, como um jovem com deficiência motora, cognitiva ou de sociabilidade.

METODOLOGIA

Este estudo foi do tipo pesquisa-ação a qual pressupõe uma ação com planejamento de caráter social e educacional, buscando soluções para problemas efetivamente detectados na sociedade (THIOLLENT, 2011). O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a observação participante a qual para Marconi e Lakatos (2006) consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. A população alvo deste estudo foram crianças da escola municipal de 6 a 12 anos, que estavam entre 2ª e 5ª.

Esses alunos estão distribuídos em espaços de atendimento que vão de classes especiais a classes regulares, passando pelas salas de recursos. Nas classes especiais são atendidos 22 alunos que apresentam deficiência mental, condutas típicas, 2 autistas, outros alunos com deficiência auditiva ou visual, incluídos em classes regulares, recebem também um atendimento específico. E 30 alunos com dificuldades de aprendizagem não são atendidos em salas de recursos. Nesse sentido, a análise de conteúdo deve se pautar pela passagem de, ao menos, três etapas básicas: a pré-análise de conteúdo, a exploração do material coletado e o tratamento dos dados foram obtidas junto à Secretaria da Escola.

Há ainda a presença de um aluno com deficiência física. Essas informações foram sujeitos deste estudo foram crianças, como citado, pessoa com deficiência que estão matriculados em uma escola de ensino fundamental na cidade de Maceió-AL. A observação das atividades do seguinte relato, envolveu o corpo discente, docente e um diagnóstico pedagógico e estrutural da escola. Além desses sujeitos, participaram dos depoimentos a coordenadora pedagógica. Como procedimento de análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo proposto por Bardin (2009), que diz que a análise constitui-se em um conjunto de técnicas destinadas a analisar a comunicação por meio de documentação que contenha informações sobre o comportamento do homem. Para a autora, o maior objetivo dessa análise seria interpretar as informações contidas no documento analisado, decifrando seus significados explícitos e implícitos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para uma introdução teórica ao problema da Educação física para alunos com deficiência, o texto de Eliane Mauerberg de Castro (2011) consiste em um sério trabalho acerca do problema oferecendo-lhe subsídios teóricos, críticos e metodológicos. A autora não deixa de salientar o problemático contexto da educação corporal da sociedade contemporânea, marcada pela obesidade em diversos grupos etários, proporcionada pela vida sedentária e alimentação desregrada, evidentemente que as crianças pertencem a este contexto, ainda mais quando as mesmas são portadoras de deficiências motoras ou cognitivas, tornando-se ainda mais difícil sua inclusão em mundo social tão hostil as minorias.

Seu pensamento está em consonância com Sherril (1998), onde há uma clara definição de dois métodos à atividade inclusiva, as saber, o *regular* em que há uma uniformidade na prática, um modelo de movimento, um padrão que é repetido pelos alunos e o *inclusivo* permitindo um sortido padrão de movimento, em suas diversas formas e atividades. Os métodos têm como objetivo ensinar conteúdos de orientação competitiva, cooperativa ou individualizada, além de permitir um ensino das atividades elementares e básicas capacidades físicas. Ainda seguindo Sherril, Castro também expõe as áreas do domínio educacional, a saber, I. Psicomotor (padrões de habilidades motoras, funcionamento perceptivo-motor, condicionamento físico); II. Afetivo (auto-estima, apagamento da tensão e aparecimento do prazer, habilidade social); III. Cognitivo (habilidade cognitiva lúdica, tempo de lazer, expressão criativa). Evidentemente que esses domínios fornecem uma mirada à análise do

desenvolvimento educacional e que foi de suma importância para um entendimento holístico das questões implicadas na observação das aulas na escola municipal.

Para além dos trabalhos de Sherril e de Castro, buscou-se outras reflexões, mais recentes, acerca do problema da especificidade da Educação física para uma cultura corporal de inclusão. Beltrame & Sampaio (2015) indicam a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no processo de iniciação ao esporte, práticas comuns no Ensino Fundamental I, da qual faz parte os alunos da Escola observada. “O esporte e o seu processo de iniciação”, afirmam os pesquisadores, “podem oportunizar um processo de democratização dos espaços oferecendo várias possibilidades para sua prática. Estudos apontam para benefícios da iniciação esportiva, mas também apontam riscos se afastada de uma base pedagógica que não valorize a participação de todos” (p. 378).

Em um estudo publicado pela Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Calixto Junior de Souza (2014) levanta o problema sob a relação adaptar/incluir no processo e insiste na importância da interdisciplinaridade enquanto vetor de um conhecimento aprofundado do processo escolar como também realça o papel de uma prática “crítica-conscientizadora” por partes dos agentes da educação que, para a observação da prática dos professores presente neste relatório, serão de grande relevância para analisar como os professores adaptaram suas atividades para incluir seus alunos portadores de deficiência motora e cognitiva:

Uma adaptação crítica-conscientizadora é aquela na qual o professor tem conhecimento de quais potencialidades do aluno podem ser exploradas no momento da inclusão. Isso perpassa pela estruturação do planejamento do professor envolvendo ações que possibilitem um espaço fecundo para trabalhar o respeito ao outro, o trabalho mútuo e também o espírito de coletividade. (SOUZA, 2014. p. 32)

Desta forma, prática pedagógica e inclusão caminham de forma sincrônica e a formação crítica e conscientizada do professor é o subsídio essencial para que esta relação ocorra. Evidentemente que uma práxis educacional bem sucedida deve-se pautar no reconhecimento das especificidades, potencialidade e dificuldade do seu alunado e uma prática crítica e consciente precisa assegurar-se neste pressuposto, este viés teórico permitiu não somente uma mirada acerca das práticas dos professores observados, como também autoriza a uma análise crítica por parte do observador e suas sugestões para melhoramento do processo.

Como foi observado no decorrer da observação, o autismo é a deficiência mais recorrente entre os alunos, neste sentido, uma rápida revisão de literatura sobre o assunto fez-se necessária. O texto de Gracioli & Biachi (2014) permite uma interessante intróito ao binômio autismo/inclusão, para as autoras o autismo é definido como:

Transtorno global do desenvolvimento que atinge os principais aspectos relacionais do indivíduo, podendo ser reconhecido pela seguinte tríade de comprometimento: comunicação, interação social e atividades restrito-repetitivas. Esta tríade é essencial ao ser humano pois, abrange os mecanismos de interação social, que permitem ao homem ser ativo em relação ao ambiente externo, no entanto, quando é comprometida denota como se o sujeito não pertencesse a este mundo.
(GRACIOLI & BIANCHI, 2014. p. 126)

As pesquisadoras não hesitam em apontar a enorme dificuldade que as instituições de ensino e o corpo docente, ou melhor, a sociedade em geral ainda possuem frente ao autismo; “A construção dessa almejada inclusão de sucesso também”, afirma o estudo, “demonstrará ter sido conquistada a partir do momento em que suprir a necessidade educacional e social do autista, em suas potencialidades e possibilidades” (p. 2014). Para esse processo de inclusão ocorrer seria preciso uma articulação muito maior entre escola, família, poder público; no entanto, o papel do professor não deixa de ter uma suprema relevância e, combinado com uma visão crítica-conscientizadora assinalada acima, poderá munir-se de teorias e métodos

A monografia de Farinha (2014) insiste no principio de adaptabilidade e inclusão que percorre todo o pensamento acerca da educação física para alunos com deficiência motora, cognitiva ou de sociabilidade, questões que perpassam o comportamento de um autista. “A principal possibilidade para uma melhoria constante é uma maior consideração das suas singularidades e mais treinamento para profissionais para ajudá-los a entender seus estilos de aprendizagem” (FARINHA, 2014. p. 26). Portanto, a Educação Física tem um papel de suma importância para o desenvolvimento de competências e habilidades necessário para uma educação de fato abarcante, uma cultura corporal compartilhada de forma mais democrática. Apoiada nos Parâmetros curriculares Nacionais e na perspectiva teórica de Strapasson; Carniel (2007) ela aponta para relevância da Educação Física no processo de inclusão de crianças e jovens portadores de autismo:

A Educação Física é uma área que engloba aspectos psicológicos, biológicos, sociológicos e culturais e a relação entre eles, assim apresenta um papel importante no desenvolvimento global dos alunos, principalmente daqueles com deficiência, tanto no desenvolvimento motor quanto no

desenvolvimento intelectual, social e afetivo (STRAPASSON; CARNIEL 2007 apud FARINHA, 2014, p. 26)

De fato, através deste rápido recorrido teórico, pode-se analisar, com o olhar teórico que respeite a especificidade do objeto deste relatório, como as reflexões próprias deste contexto escolar marcado pela multiplicidade de seu alunado. Ainda é preciso assinalar que as atividades observadas estão dentro do AEE que são inseridas no seio da escola e que buscam desenvolver métodos para uma aprendizagem lastreada pela inclusão de jovens com deficiência.

A escola municipal de Ensino Fundamental está localizada no subúrbio ao norte de Maceió, às margens de uma das principais vias da cidade. Seu público é proveniente dos bairros adjacentes. Claro está que o contexto de pesada violência e exclusão que perpassa a vida social de uma das capitais mais desiguais do Brasil rebate na comunidade em que esta instituição está inserida e na própria comunidade escolar, portanto, o entorno geográfico e socioeconômico da instituição de ensino é um elemento que não poderia deixar de interessar ao observador.

1ª visita: Segunda feira, 10 de abril de 2017

A visita acompanhou a turma do 5º C na primeira aula, pela parte da tarde, observando-se a prática do professor. Na sala, havia em torno de 14 alunos, a estrutura física não apresentava maiores problemas. A aula começou às 13 horas, iniciando com o Hino Nacional. Segundo o Professor, faltaram três alunos portadores de deficiência, ainda segundo o docente, foram fazer tratamento.

Neste apanhado junto a coordenação do Atendimento Educação Especial, foi apresentado uma lista com (24) vinte e quatro alunos, sendo (4) quatro no primeiro ano do Ensino Fundamental; seis (6) no segundo ano do mesmo nível; seis (6) na terceira série; quatro (4) no quarto ano e, por fim, mais quatro (4) no quinto ano. As deficiências variam, há diagnósticos que acusa “paralisia cerebral”, “epilepsia”, “albino” e “autismo”.

Em uma aula ainda no primeiro dia de encontro, o Professor relatou que uma criança possuía um retardo, “portadores de deficiência”, classificado pelo Atendimento de Educação Especial. Ainda descrevendo o comportamento do discente, o professor assinala que o mesmo sofre de obesidade e tem problemas de relacionamento com a família.

Este fato é muito importante para pensar as dificuldades de um contexto bem assinalado pelo referencial teórico (Beltrame, 2015; Strapasson & Carniel, 2007) e permite a observação de questões como obesidade, o papel do professor no processo de inclusão e a deficiência da estrutura das instituições de ensino para atender aos casos particulares. O caso deste estudante e deste professor, do ensino/aprendizagem constrangido pelo contexto social demonstra de forma cabal a problemática que um profissional de Educação Física forçosamente deve estar inserido.

Por outro lado, um fato importante pode ser retirado *a priori*: não há uma conexão entre o corpo docente e o núcleo de Atendimento a Educação Especial; o próprio acontecimento de um professor perceber as dificuldades do aluno e este ano não figurar na lista dos diagnosticados já demonstra claramente a incomunicabilidade entre os professores e a coordenação do núcleo, que entra em funcionamento durante três dias da semana, a saber, terça-feira, quarta-feira e quinta-feira, nos períodos vespertino e matinal.

2º Visita: terça-feira, 11 de abril de 2017

Nesta ida a Escola Municipal foi observado uma aula no quinto ano (B); a sala possuía em torno de 20 (vinte) alunos, a sala, foi a mesma descrita na visita anterior, existindo dois estudantes portadores de deficiência.

O professor não estabeleceu uma mediação com as dificuldades específicas de uma educação para alunos portadores de deficiência, conforme preconiza De Souza (2014) e Farinha (2014); quer dizer, seu método, nesta aula, não possui uma multiplicidade para além da atividade padronizada, uma metodologia que não busca conectar a inclusão e a particularidade. Ao perceber esta discrepância entre o ritmo dos alunos em geral e as duas adolescentes, o professor passou ao largo desta dificuldade, não buscou contorná-la com uma atividade que respeitasse a particularidade.

Outra aula foi observada no terceiro ano (C). A sala não possui nenhum problema de infra-estrutura que pode ser um percalço à ação do educador, o número de carteiras são além da quantidade de alunos e as grandes janelas permitem um local arejado, o quadro negro está em boa condição. Na sala havia em torno de 15 alunos. Nesta classe, há um aluno autista, conforme informação da AEE. O método pedagógico utilizado foi de padronização.

O aluno diagnosticado com autismo é copiosamente interativa, o que facilita sua relação com outros alunos e com o professor. Portanto, o professor não acha-se na dificuldade de ter

que formatar os movimentos, uma vez que o seu aluno consegue interagir com o seu procedimento. Na instituição, o observador entrou em contato com a psicopedagoga, responsável pelo núcleo de Atendimento Escolar Especial no período vespertino; a mesma afirmou que, neste período em que trabalha, atende a 10 (dez) discentes. Sendo que duas crianças possuem retardo mental e os demais não possuem um diagnóstico especializado, contudo, informa também que eles possuem deficiência intelectual em variados níveis.

De fato, a prática assinada pela psicopedagoga respeita a particularidade dos integrantes do corpo discente. Conforme aponta incursão bibliográfica que antecedeu a observação da observação, a prática pedagógica lúdica e a diferenciação conforme o nível de dificuldade cognitiva é um elemento de suma importância no processo evolutivo dos alunos, para que, desta forma, a Educação física, centrada em uma prática de inclusão, possa cumprir seu papel para uma cultura corporal mais democrática.

3ª Visita: 18 de abril de 2017

Nesta visita, foi possível observar uma aula com o professor, no quinto ano (b). A aula foi executada numa área externa da instituição. Nesta atividade pedagógica, havia três alunos diagnosticados com deficiência pelo AEE, todos já citados na última visita. As duas alunas tem um comportamento motor-cognitivo bastante ativo e entendem muito bem aos comandos do jogo e a explicação do professor, aliás, fica evidente que ambas já tinha conhecimento das regras do jogo. No entanto, o outro aluno com diagnosticado com autismo ficou estagnado, agindo de forma flagrantemente passiva, sem responder aos comandos instaurados pelo professor.

Neste ponto, foi possível observar que os professores não possuem clareza acerca do diagnóstico do núcleo de Atendimento Escolar Especial, uma vez que toda organização pedagógica, quer dizer, a projeção da sequência didática não leva em consideração o caráter heterogêneo do seu corpo discente, onde figuram dezenas de alunos com deficiência motora, cognitiva ou de sociabilidade. Na verdade, os fatos observados nestas visitas apenas reforçou a evidente falta de conexão entre uma tentativa de educação adaptada e inclusiva, o que torna ainda mais flagrante a falta de articulação dos elementos da administração, dos docentes e dos mecanismos como o núcleo de auxílio a alunos com deficiência.

4ª visita: 24 de abril

As atividades foram coordenadas pela psicopedagoga; pela parte de manhã, o departamento atende a quatorze crianças, uma vez que os outros dez alunos, dos vinte e quatro diagnosticado, são atendidos no turno vespertino. No dia da visita, doze alunos estavam sendo atendidos.

Ao conversar com a responsável, pode-se observar que o público deste período é caracterizado por um déficit cognitivo moderado, conforme aponta o próprio diagnóstico. A psicopedagoga utilizou a prática de *anamnese*, para medir a evolução da capacidade cognitiva, através da observação da maneira como os alunos mobiliza a memória para minimizar os problemas relacionados à sociabilidade. Esta atividade é muito importante ao atendimento de discentes diagnosticados com autismo, que estavam em processo de avaliação neste encontro relatado.

Na aula observada no 2º ano, o Professor iniciou com uma roda de alunos, onde é possível uma interação maior entre os alunos e o docente. O docente utiliza uma corda como instrumento lúdico; ele propõe a brincadeira de “pular corda”. Neste contexto de sala de aula, há dois alunos diagnosticados com autismo. O comportamento de um deles é típico das dificuldades de sociabilidade enfrentadas pelos alunos que possuem esta particularidade, ele não se concentra para uma escuta detida dos comandos instaurados pelo professor. Porém, quando o docente concentra sua atenção em movimentos diferenciados pra que este aluno seja inserido atividade lúdica, desta forma, o docente consegue introduzi-lo na dinâmica.

O outro autista presente na atividade não adentra na atividade, tornando-se introspectivo, ele evade-se e fica em um canto da sala. Neste momento, o professor propõe uma nova atividade com este aluno, trata-se de uma seqüência didática que utiliza uma bola que é jogada entre ele e o aluno autista, desta forma, o professor consegue aplicar sua atividade lúdica, apesar de não conseguir trazer o aluno para uma participação com os outros discentes, no entanto, o professor insistiu em respeitar a particularidade do autismo no que concerne a sua relação social privativa.

5ª Visita: 20 de abril

Foi observado uma atividade no 2º ano (b), que possui um aluno diagnosticado com autismo. O professor utiliza duas bolas, como elemento lúdico da atividade, ele inicia um jogo cooperativo, onde os participantes precisam repassar a bola entre si, o docente explica a atividade no começo da prática; de uma maneira geral, os alunos entendem e obedecem aos comandos estipulados. Porém, o aluno com autismo, Eduardo, não consegue integralizar-se

com na dinâmica da sala de aula, por isso, o professor busca chamá-lo diretamente, olhando-o de maneira detida e trabalhando melhor a particularidade do estudante, no entanto, sem muito seu sucesso desta vez. Ao terminar a aula, o aluno autista queda-se deitado ao chão, sem ter apresentar vontade de levantar-se e ir-se à aula subsequente.

Numa aula do segundo ano (C), havia 15 (quinze) alunos na sala, havia uma aluna autista em sala, inclusive, a mesma é irmã do aluno citado anteriormente e também portador de autismo. Esta duas aulas aplicadas pelo mesmo professor, em um mesmo nível escolar e com a presença de autistas em ambas, revelou a multiplicidade metodológica que a Educação física requer dos professores, veja-se que não há uma padronização absoluta e que cada aula porta sua particularidade, apesar da aparente semelhança. Neste sentido, o professor soube muito bem adequar sua práxis pedagógica ao momento.

6º visita: 26 de abril

A aula observada neste dia foi de cunho expositivo acerca do tema da *Estafeta*, que deu-se no terceiro ano (b). No momento da aula, havia dois estudantes diagnosticados com autismo na sala. Mas os alunos autistas se comportam de acordo com os demais. O professor expõe elementos conceituais sobre o tema, na lousa; assinalou as vantagens e particularidades do sistema de estafeta. O aluno autista concebe total atenção à explicação do professor, que fala acerca das benesses do trabalho em equipe, que o mais importante numa competição é a participação. Neste ponto, o aluno com autismo indica que gosta de ganhar sempre; para além desta visão competitiva, o que importa é que o discente arguiu sobre o tema estudado, o que deixa claro sua preocupação em participar da aula e quebra a possível dificuldade de socialização que o autismo pode desdobrar.

Ao terminar não foi necessário que o docente adaptasse suas atividades, uma vez que o aluno com autismo não demonstra nenhuma dificuldade em reação aos demais, mantendo-se no mesmo nível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência da pesquisa permite uma visão mais ampla das problemáticas enfrentadas por um professor de Educação Física; uma vez que esta prática está alçada entre os ensinamentos teóricos coletados e combinados ao longo do curso de Licenciatura e a observação da práxis pedagógicas de um educador da área. De fato, a prática da pesquisa e da observação empírica permite uma mirada para além do quadrante puramente acadêmico.

Nesta observação desta pesquisa, foi possível perceber que os professores buscam alargar as possibilidades do alcance das suas sequências didáticas, apesar das dificuldades enfrentadas diariamente em um país cuja educacional sofre com problemas dramáticos. Ainda neste sentido, uma prática pedagógica adaptada apresenta este problema de maneira mais aguda, onde os professores precisam inserir os alunos que estão ainda mais marginalizados nesta sociedade.

Por fim, esta observação permitiu uma mirada entre prática e teoria e deixou muito claro que a problemática de uma atividade adaptada jamais deverá ser silenciada nas práticas escolares, caso contrário, a Educação Física não poderá nunca definir-se como um saber inclusivo rumo à uma sociedade mais democrática.

REFÊRENCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BELTRAME, André Luís Normanton; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. **Journal of Physical Education**, v. 26, n. 3, p. 377-388, 2015.

DE CASTRO, Eliane Mauerberg. **Organizando a atividade física adaptada: programas e metas** In: _____, **Atividade física adaptada**. 2ª ed. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2011. cap. 10, p. 333-367.

DE SOUZA, Calixto Souza Junior. Entre o adaptar e o incluir: uma abordagem interdisciplinar da disciplina de educação física adaptada. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 15, n. 1, 2014.

FARINHA, Ana Paula Vidotto. **Inclusão de autistas nas aulas de educação física: possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades**. 2014. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

GRACIOLI, Maria Madalena; BIANCHI, Rafaela Cristina. **Educação do Autista no Ensino Regular: Um Desafio à Prática Pedagógica**. Nucleus, v. 11, n. 2, p. 125-138, 2014.

STRAPASSON, A.; CARNIEL, F. **A educação física na educação especial**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, n. 104, 2007. Disponível em: . Acesso em: 03 de julho de 2014.



THIOLLENT M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ed. São Paulo: Cortez; 2011.